



ESTRUTURA SINTÁTICA E MORFOFONOLÓGICA DA POSSE NA LÍNGUA AWETI

GUSTAVO GUILHERME JUCHIMIUK DA SILVA¹
INDAIÁ DE SANTANA BASSANI²

RESUMO: Este artigo investiga fenômenos de alternância morfofonológica na realização dos morfemas prefixais possessivos da língua Aweti, língua da família Tupi falada no estado do Mato Grosso, Brasil. Inicialmente, é feita uma descrição do sistema pronominal possessivo a partir da qual, como resultados, são apresentadas uma proposta para a estrutura sintática para o DP possessivo e uma proposta de análise morfofonológica para a alomorfia prefixal e seus condicionamentos fonológicos e semânticos/extra-linguísticos com base no modelo teórico gerativo da Morfologia Distribuída. A investigação sintática do DP perpassa a discussão sobre os tipos de posse presentes na língua, alienável e inalienável, e as melhores propostas de representação a partir da literatura geral sobre o tema. O artigo propõe que os dois tipos de posse, alienável e inalienável, no Aweti sejam representadas por dois tipos de estruturas sintáticas. A investigação morfofonológica sugere uma diminuição na quantidade de alomorfes geralmente propostos para os prefixos possessivos e a inserção de regras de reajuste fonológico. Além disso, sugere-se que a informação sobre o gênero do falante é gramaticalmente codificada na língua, dada sua relevância para a inserção de vocabulário.

Palavras-chave: alomorfia; prefixos; Aweti.

ABSTRACT: This paper investigates morphophonological alternation phenomena in the realization of prefixal possessive morphemes of Aweti, a Tupian language spoken in the state of Mato Grosso, Brazil. At first, a description of the possessive pronominal system is presented, from which, as results, a proposal for the syntactic structure of the possessive DP and a proposal of morphophonological analysis for prefixal allomorphy and its phonological and semantic / extra-linguistic conditionings based on the generative theoretical model of Distributed Morphology is given. The syntactic investigation on the DP brings a discussion on the possession types presented in the language, alienable and inalienable, and the best proposals of representation from the general literature on the subject. The article proposes that the two types of possession in Aweti, alienable and inalienable, are represented by two types of syntactic structures. The morphophonological investigation suggests a decrease in the amount of allomorphs usually proposed for the possessive prefixes and the insertion of phonological readjustment rules. In addition, it is suggested that the information about the gender of the speaker is grammatically encoded in the language, given its relevance to vocabulary insertion.

Keywords: allomorphy; prefixes; Aweti.

¹ Grupo de Investigações (In)formais em Língua(gem) e Cognição; Laboratório de Linguagem e Cognição da Unifesp, Guarulhos, SP, Brasil. ggsilva@unifesp.br

² Grupo de Investigações (In)formais em Língua(gem) e Cognição; Laboratório de Linguagem e Cognição da Unifesp, Guarulhos, SP, Brasil. indaia.bassani@unifesp.br, <https://orcid.org/0000-0002-5277-2008>

INTRODUÇÃO

Este artigo investiga os fenômenos de alternância na realização dos morfemas prefixais possessivos da língua Aweti, língua da família Tupi falada no estado do Mato Grosso, Brasil. Os dados analisados expressam relações de posse e são realizados morfologicamente através de prefixos, cuja forma é alterada seguindo dois tipos de condicionamentos: um fonológico, de acordo com o segmento inicial das palavras possuídas, e um extralinguístico, de acordo com o gênero³ do falante; além disso, o tipo semântico da palavra (alienável ou inalienável) também é um fator determinante na presença dos prefixos.

A análise está baseada nos pressupostos da teoria Gerativa em geral e, mais especificamente, na Morfologia Distribuída (doravante MD), modelo teórico para a competência linguística de caráter gerativista. Como objetivo principal, a MD procura propor um modelo de arquitetura da gramática que possa explicar a formação de palavras e sentenças de forma unificada. Esse modelo foi escolhido por apresentar boas ferramentas para análise de condicionamentos alomórficos, como, por exemplo, os que se dão na interface entre morfologia, sintaxe e semântica. O artigo se organiza da seguinte maneira: na seção 1 são descritos os dados em termos gerais e de seus condicionamentos alomórficos para introdução das questões de pesquisa investigadas; na seção 2 uma estrutura morfossintática de posse é proposta para os nomes do Aweti para que seja possível proceder à introdução dos pressupostos e da proposta de análise alomórfica na seção 3; a seção 4 conclui o artigo.

1. CONDICIONAMENTOS ALOMÓRFICOS NA MARCAÇÃO DE POSSE EM AWETI

1.1 Descrição dos Dados

A língua Aweti possui um sistema de posse morfologicamente marcado, expresso por prefixos cuja forma é condicionada de acordo com: 1. a fonologia do primeiro segmento da raiz da palavra possuída; 2. o gênero do falante (doravante Fala H e Fala M para fala de homem e fala de mulher, respectivamente); 3. o tipo semântico da palavra possuída. Para descrição do sistema de marcação de posse do Aweti, é preciso introduzir a classificação geral dos nomes na língua.

Em Aweti, os nomes são classificados semântica e morfologicamente em duas subcategorias: os nomes possuíveis e os não possuíveis (Borella, 2000:65). Os nomes não possuíveis – (1) a (3) – denotam fenômenos da natureza, animais (incluindo os de estimação), plantas ou pessoas. Tais nomes não recebem marcação morfológica de posse.

³ Embora interessante, consideramos que não cabe no escopo deste artigo a discussão sobre uso das palavras ‘gênero’ ou ‘sexo’ do falante nesse caso. No entanto, manteremos a primeira opção de modo a seguir o que vem sendo utilizado na literatura sobre o tema.

- (1) *moj* (2) *kwat* (3) *ját*
 ‘cobra’ ‘sol’ ‘peixe’

Entre os nomes possuíveis, há duas categorias: os alienáveis e os inalienáveis. Os nomes inalienáveis se referem a partes de um todo, como partes do corpo humano ou de animais – (4) a (6) –, e a relações de parentesco – (7) a (9). Esses nomes ocorrem com possuidor expresso por prefixo pronominal.

- (4) *i-po* (5) *ej-ap* (6) *azo-eta*
 ‘minha mão’ ‘tua pele’ ‘nosso olho’
- (7) *i-ti* (8) *e-ti* (9) *azo-ti*
 ‘minha mãe’ ‘tua mãe’ ‘nossa mãe’

Já os nomes alienáveis geralmente se referem a objetos do mundo cultural, que podem ou não ocorrer com possuidor expresso morfologicamente. Quando são marcados, apresentam um prefixo pronominal específico, por vezes denominado relacional, e que será abordado mais detalhadamente adiante.

A partir dessa apresentação geral, pode-se olhar com mais detalhes a ocorrência dos prefixos pronominais do sistema de posse do Aweti. No quadro 1, encontram-se todos os prefixos que ocorrem com nomes possuíveis. Na primeira linha, temos as condições para número e pessoa para ocorrência do prefixo e nas duas primeiras colunas, há o tipo do primeiro fonema da palavra base e o gênero do falante. Nas demais células, leem-se os prefixos de posse que ocorrem nesses contextos.

		1sg	2sg	1pi	1pe	2pl	3	3refl
Conso- ante	Fala H	i-	e-	kaj-	azo-	eʔi-	nā-	o-
	Fala M						i-	
Vogal	Fala H	it-	e-/				n-	
	Fala M		ej- /a/				t-	

Quadro 1: Prefixos possessivos do Aweti (adaptado de Borella, 2000, p. 79)

O pronome possuidor de primeira pessoa do singular apresenta dois alomorfes: a forma *i-* ocorre diante de consoantes, conforme exemplos em (10) e (11), enquanto *it-* ocorre diante de vogais, como em (12) e (13).

(10) i-ʔap 1sg.poss-cabelo 'meu cabelo'	(11) i-po 1sg.poss-mão 'minha mão'	(12) it-uwik 1sg.poss-sangue 'meu sangue'	(13) it-eta 1sg.poss-olho 'meu olho'
---	--	---	--

Para a segunda pessoa do singular, também existem dois alomorfes, porém com distribuição mais restrita. O prefixo *ej-* só ocorre antes de nomes cuja base se inicia por /a/, como mostrado de (14) a (16), enquanto nos demais ambientes, que incluem bases iniciadas com vogais diferentes de /a/ ou consoantes, há apenas a ocorrência do prefixo *e-*, como em (17) a (19). O prefixo de posse de segunda pessoa do plural *eʔi-* não apresenta alomorfia, v. (20) e (21).

(14) ej-ap 2sg.poss-pele 'tua pele'	(15) ej-atoj 2sg.poss-cabelo 'teu cabelo'	(16) ej-atupik 2sg.poss-boca 'tua boca'	(17) e-maʔãpe 2sg.poss-canoa 'tua canoa'
(18) e-uwik 2sg.poss-sangue 'teu sangue'	(19) e-po 2sg.poss-mão 'tua mão'	(20) eʔi-eta 2pl.poss-olho 'olho de vocês/vosso olho'	(21) eʔi-po 2pl.poss-mão 'mão de vocês/vossa mão'

Na primeira pessoa do plural, há a distinção entre uma forma plural inclusiva, que designa um grupo de pessoas que inclui o interlocutor, e uma forma exclusiva, que designa um grupo de pessoas que não inclui o interlocutor. Nesses casos, não há alomorfia interna a essas duas classes, já que, aqui, não atua nenhum dos condicionamentos possíveis para esses casos. Assim, o prefixo *kaj-* ocorre na forma inclusiva, como em (22) a (24), e *azo-* na forma exclusiva, como em (25) a (27). Não há diferença entre nomes alienáveis e inalienáveis.

(22) kaj-po 1pi.poss-mão 'nossa mão'	(23) kaj-eta 1pi.poss-olho 'nosso olho'	(24) kaj-Ø-ok 1pi.poss-rel-casa 'nossa casa'
(25) azo-po 1pe.poss-mão 'nossa mão'	(26) azo-eta 1pe.poss-olho 'nosso olho'	(27) azo-Ø-ok 1pe.poss-rel-casa 'nossa casa'

O prefixo possuidor de terceira pessoa distingue uma forma reflexiva, que marca um possuidor correferente ao sujeito da sentença, e uma forma não reflexiva, que marca a não correferência entre possuidor e sujeito da sentença. Os alomorfes dos prefixos de terceira pessoa não reflexiva estão sujeitos a dois condicionamentos: um semântico e outro fonológico, o que resulta em quatro formas distintas e constitui o paradigma mais complexo dentre os pronomes possessivos. Um primeiro condicionamento é guiado pelo gênero do falante. As formas *nã-* e *n-* são usadas quando o falante é do gênero masculino e as formas *i-* e *t-* são usadas quando o falante é do gênero feminino. Esse tipo de alomorfia

também está presente nos demonstrativos e em alguns nomes de parentesco na língua.

Além disso, a alternância entre os alomorfes *i-~t-* ((28) - (30) na fala feminina) e *nã-~n-* ((31) - (33) na fala masculina) é condicionada fonologicamente. Temos a ocorrência de *t-* e *n-* (fala feminina e masculina, respectivamente) quando a base do nome é iniciada por vogal, ou se está presente o alomorfe *e-* do prefixo relacional alienável, que será detalhado adiante. Quando a base é iniciada por consoante, temos a ocorrência de *i-* e *nã-* (fala masculina e feminina, respectivamente).

Fala feminina:

(28) <i>i-pó</i>	(29) <i>t-eta</i>	(30) <i>t-e-kite</i>
3.poss-mão	3.poss-olho	3.poss-rel-faca
‘mão dele’	‘olho dele’	‘faca dele’

Fala masculina:

(31) <i>nã-pó</i>	(32) <i>n-eta</i>	(33) <i>n-e-kite</i>
3.poss-mão	3.poss-olho	3.poss-rel-faca
‘mão dele’	‘olho dele’	‘sua faca’

Na forma reflexiva do prefixo de terceira pessoa, não há alomorfia e o pronome possessivo se realiza sempre como o prefixo *o-*, conforme exemplos (34) e (35):

(34) <i>kujtã o-po wej-t-apit-Ø</i>	(35) <i>kujtã o-eta wej-t-apit-Ø</i>
aquele 3refl.poss-mão 3-t-queimar-perf	aquele 3ref.poss-olho 3-t-queimar-perf
‘aquele/a queimou a mão dele/a (mesmo/a)’	‘aquele/a queimou o olho dele/a mesmo/a’

Como brevemente visto, há um morfema chamado prefixo relacional nos dados dos prefixos em Aweti. Uma investigação geral sobre esse fenômeno mostrou que, em algumas línguas do tronco Tupi, encontra-se uma classe de prefixos relacionais entre o prefixo de posse e o radical possuído. Seki (1999) relata que em kamaiurá

os nomes inalienavelmente possuídos vêm sempre acompanhados de prefixos relacionais em sua forma normal; os nomes alienavelmente possuídos podem ocorrer ou não com prefixos relacionais e os nomes não possuídos não admitem tal prefixo. (p. 7)

Em Aweti, além dos prefixos de posse, os nomes alienáveis, quando possuídos, recebem também um prefixo relacional, que ocorre como *e-* diante de consoante (36) e como \emptyset (ausência de marca morfológica) diante de vogal (37). Esse prefixo relacional é considerado por Monserrat (1976) também como uma marca de posse em nomes alienáveis. Essa marca de posse alienável também está presente quando o possuidor é expresso por locução nominal (38).

(36) it-e-ʔini
1sg.poss-rel-rede
'minha rede'

(37) it-Ø-ok
1sg.poss-rel-casa
'minha casa'

(38) Anumaniã e-zapat-eʔim jatã
Anumaniã rel-arco-neg demH
'este arco não é Anumaniã'

Meira e Drude (2013) analisam a história dos prefixos relacionais nas línguas Tupí-Guaraní, e concluem que tais elementos não eram prefixos originalmente, mas sim consoantes iniciais da raiz do termo dependente que evoluíram de modo diferente em diversos contextos fonológicos e morfossintáticos. Essa ideia é aventada inicialmente em Meira (2006), e Meira e Drude (2015) explicitam o fato de que uma análise de elementos intermediários como prefixos relacionais não pode ser feita sem problematização⁴.

1.2. Questões de pesquisa

A partir da descrição geral dos dados apresentada acima, este artigo procura responder às seguintes questões:

1. É possível explicar satisfatoriamente as interações alomórficas (morfofonológicas) que ocorrem na língua Aweti com base nos pressupostos do modelo da MD?
2. Como seria explicado o condicionamento semântico da alomorfia dos prefixos no modelo de gramática da MD? O gênero do falante seria caracterizado como um traço gramatical [+masculino] e [+feminino] proveniente do inventário de traços morfossintáticos disponibilizados pela Gramática Universal ou seria informação extralinguística, interpretada pela Enciclopédia, ou seja, conhecimento não-linguístico do falante? O condicionamento é realmente semântico ou é, na verdade, extralinguístico?

Para responder a essas questões de realização alomórfica, é necessário que uma investigação e proposta mais geral sobre a estrutura morfossintática do núcleo que abriga o prefixo de posse seja apresentada. A próxima seção se dedica a esse objetivo.

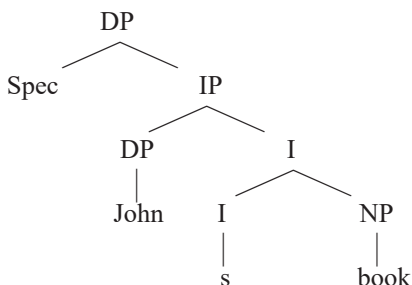
2. A ESTRUTURA MORFOSSINTÁTICA DE POSSE

Parte da literatura geral relevante sobre o DP possessivo nas línguas naturais (ALEXIADOU e WILDER, 1998); (ALEXIADOU, 2003) (ALEXIADOU, 2005)

⁴ A análise proposta neste artigo para os prefixos relacionais é compatível com o estudo de Meira e Drude (2013), pois só consideramos de fato prefixo relacional os morfemas que ocorrem com nomes inalienáveis. Meira e Drude apontam que muitos autores classificam como prefixos relacionais partes iniciais do radical ou do pronome pessoal em outros contextos de contiguidade.

identifica várias propostas para a estrutura de posses alienáveis e inalienáveis. No que se refere a posses alienáveis, em uma primeira visão (ALEXIADOU, 2003), os possuidores se comportam como argumentos externos dos nomes possuídos, e a semântica de posse é tida como propriedade de um núcleo funcional. A estrutura que representa essa proposta está em (39):

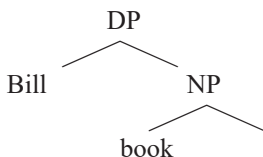
(39)



Proposta de estrutura de posse para a frase *John's book* (retirado de Alexiadou (2003) p. 168).

Em uma segunda proposta, a relação de posse é uma relação de predicação, com o objeto possuído como predicado nominal, e o possuidor como sujeito da predicação. A estrutura relevante que representa esta visão para a frase *Bill's book* é mostrada em (40):

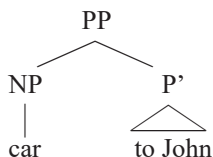
(40)



Proposta de estrutura de posse para a frase *Bill's book* (baseado em Alexiadou (2003) p. 169).

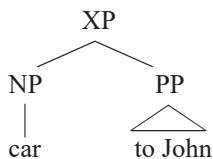
No terceiro tipo de proposta, o papel da predicação é atribuído a uma preposição, representada pelo marcador dativo 'to', ou o marcador genitivo 'of'. Ambas as visões tratam a relação de posse como uma *Small clause*, ou seja, tanto o possuidor quanto o possuído são contidos sob a mesma projeção, sendo que em (42) a relação é vista principalmente como locacional. No entanto, em (42), o PP (do inglês *Prepositional Phrase*), é selecionado pela projeção máxima (DEN DIKKEN, 1995), enquanto em (41) ele mesmo é a projeção máxima (LARSON e CHO (2000)). As representações para essas propostas são dadas em (41) e (42):

(41)



Proposta de estrutura de posse alienável para a frase *John's car* (DEN DIKKEN (1995) apud ALEXIADOU (2003)).

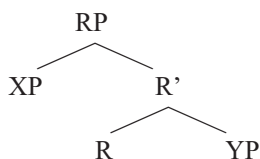
(42)



Proposta de estrutura de posse alienável para a frase *John's car* (LARSON e CHO (2000) apud ALEXIADOU (2003)).

A proposta que parece melhor explicar os dados da posse alienável da língua Aweti é a de que a posse é uma relação de predicação entre dois termos, com o termo possuído funcionando como predicado nominal e como complemento de um núcleo relacionador, representado por R. Com ela, é possível explicar a relação semântica entre o prefixo e a base a qual ele é anexado. A estrutura da predicação proposta por den Dikken (1995) e assumida por nós para a posse alienável é mostrada em (43).

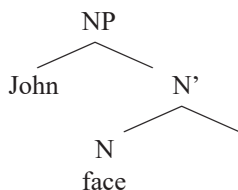
(43)



Representação da configuração sintática da predicação (retirado de den Dikken (1995)).

Quanto à posse inalienável, a proposta mais aceita é a de que o nome possuído toma diretamente seu possuidor como um argumento. A estrutura proposta está em (44):

(44)



Proposta de estrutura de posse inalienável para a frase *John's face* (ESPAÑOL-ECHEVARRIA (1997) apud ALEXIADOU (2003)).

Den Dikken (2006) propõe que a relação de posse é fruto de uma relação intersectiva entre dois conjuntos, na qual um denota uma propriedade atribuída ao outro⁵ (den Dikken, 2006, p. 17). A partir dessa leitura foi possível concluir que a relação de posse do Aweti de fato possui uma configuração de predicação, já que o prefixo possessivo (predicado), quando anexado a uma base (sujeito), atribui uma propriedade ao nome possuído: neste caso, uma característica de posse.

O trabalho propõe ainda que qualquer relação de predicação é dependente de um conectivo ou um relacionador que estabelece a conexão (tanto sintática quanto semântica) entre o sujeito e sua predicação. Este relacionador é um item funcional que pode ser representado por diversas categorias, incluindo T e v, e que pode ser fonologicamente realizado ou não. No Aweti, esta dependência é sinalizada pelo morfema relacional identificado por Monserrat (1976) e Borella (2000) nos nomes alienáveis. Porém, em Aweti, na relação de posse inalienável o morfema relacional não está presente, como mostrado em (22) e (23) e também (46) e (47). Assim, vemos que a língua Aweti não é totalmente abarcada pela proposta de den Dikken, a menos que considerássemos que os dois tipos de posse, embora semanticamente e morfologicamente diferentes, possuem a mesma estrutura sintática, mediada por um item funcional relacionador ora fonologicamente realizado ora não.

Para entender a estrutura do DP possessivo no Aweti, é preciso compreender melhor o morfema relacional e sua função na relação de predicação. Para isso, foram realizadas comparações entre o Aweti e outras línguas que possuem um fenômeno semelhante por meio de Cabral (1997) e Aguiar e Lima-Salles (2014).

Monserrat (1976) considera tais prefixos como apenas uma marca de posse em nomes alienáveis. No entanto, as pesquisas mostram que a morfologia relacional é mais complexa que isso. Segundo Rodrigues (1996), o morfema relacional estabelece relações de dependência e contiguidade na estrutura sintática entre um termo determinante e um termo determinado. Conforme Aguiar e Lima-Salles (2014), ele “codifica a relação entre um predicado e o respectivo argumento (interno), tomado como modificador desse predicado e realizado, por hipótese, na posição de complemento” (p. 333).

A partir dessas informações e de uma comparação entre as posses alienáveis e inalienáveis em Aweti, pode-se dizer que a primeira marca uma posse muito menos próxima e intrínseca ao nome do que a segunda, visto que em posses inalienáveis não há necessidade de um mecanismo que codifique a sua relação, como acontece nas relações alienáveis. Ou seja: estruturalmente, na posse inalienável, o nome possuído ocupa uma posição hierárquica próxima ao prefixo de posse (logo, também mais próxima de quem o possui); já na posse alienável, o nome possuído encontra-se mais distante na estrutura hierárquica, o que «enfraquece» sua relação semântica e obriga a realização de um morfema que codifica a sua relação predicativa.

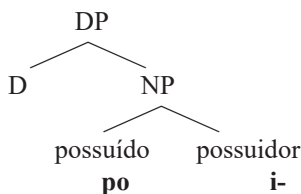
⁵ No original: “It will be sufficient to think of the semantics of predication as an intersective relationship between two sets, one (corresponding to the function) denoting a property ascribed to the other (the argument).”

Com fins de comparação com outra língua, nos voltamos para a língua Asuriní do Tocantins (CABRAL, 1997). Nesta língua, o morfema relacional também pode se comportar como mediador de uma relação de predicação. Em asuriní, a distribuição do morfema relacional é mais abrangente do que em Aweti, podendo ocorrer entre sujeitos e verbos, verbos e objetos e relações de posse. A partir disso, pode-se concluir que a distribuição e funcionamento do morfema relacional em línguas próximas possui certas similaridades quanto à função morfológica, mas podem possuir características próprias de acordo com a língua. Além disso, a observação do comportamento desse morfema em outra língua possibilitou a checagem do seu estatuto funcional: a codificação da relação de contiguidade entre elementos de determinada língua.

2.1. Proposta de estrutura sintática para o DP Possessivo em Aweti

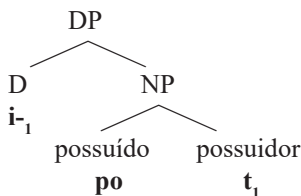
A partir de todas essas considerações, propomos as estruturas dos DPs possessivos da língua Aweti. Começando com a posse inalienável, é necessário observar que, na representação, o possuidor é gerado na posição de complemento do termo possuído na estrutura (exemplificado em (45)) e é submetido a um movimento para a posição de especificador de DP, assumindo a forma final. O movimento se dá pela natureza prefixal da forma *-i*. As seguintes estruturas representam o sintagma *ipo* ('meu olho') e *ejap* ('tua pele'), em (46) e (47), respectivamente:

(45)



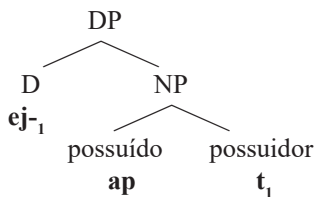
Representação da estrutura subjacente de *ipo* ('minha mão')

(46)



Representação da estrutura de *ipo* ('minha mão') após movimento de *-i*.

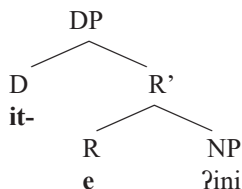
(47)



Representação da estrutura de *ejap* ('tua pele')

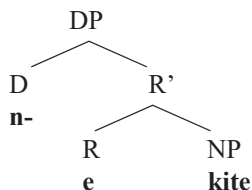
Em seguida, apresentamos as estruturas do DP possessivo para posses alienáveis. As seguintes estruturas representam os sintagmas *ite?ini* (minha rede) e *nekite* (sua faca), em (48) e (49), respectivamente.

(48)



Representação da estrutura de *ite?ini* ('minha rede')

(49)



Representação da estrutura de *nekite* ('tua faca')

Depois de definir a proposta para a estrutura do DP possessivo na língua Aweti, o objetivo é tratar morfofonologicamente os prefixos da língua dentro do modelo teórico da Morfologia Distribuída. Para tal, o breve detalhamento necessário do modelo encontra-se na próxima subseção.

3. O MODELO DA MORFOLOGIA DISTRIBUÍDA E O TRATAMENTO DAS ALOMORFIAS

A Morfologia Distribuída (MD) é um modelo teórico gerativista para a competência linguística formalmente apresentado por Halle e Marantz (1993) que, desde então, passa por reformulações. Seu objetivo geral é propor um modelo de arquitetura da gramática que, em especial, possa explicar unificadamente a formação de palavras e sentenças.

Para tal, assume-se que qualquer formação é fruto de operações combinatórias, tais como *merge* e *move*, que se dão no Componente Computacional (componente sintático). Essa característica do modelo é conhecida como *Syntactic structure all the way down*⁶. Ao contrário do que é proposto em teorias chamadas lexicalistas, na MD, a sintaxe não manipula itens lexicais completos, tais como palavras, mas gera estruturas a partir da combinação de raízes e de traços morfossintáticos abrigados em núcleos funcionais, definidos como morfemas abstratos (HARLEY; NOYER, 1999).

A MD propõe a existência de três listas. Na lista 1, encontram-se primitivos com os quais a sintaxe opera: traços morfossintáticos disponibilizados pela Gramática Universal (GU) desprovidos de material fonológico, as raízes, e os núcleos categorizadores e funcionais. As raízes utilizadas pelas operações sintáticas são elementos mínimos portadores de significado lexical, como, por exemplo, $\sqrt{\text{CLAR}}$ - (presente em *claro*, *clarear*, *esclarecer*, etc), $\sqrt{\text{GAT}}$ - (presente em *gato*, *gata*) etc; alguns exemplos de traços abstratos que podem ser operados pela sintaxe são [singular], [plural], [nominativo], [acusativo], [perfectivo], [imperfectivo]; núcleos categorizadores são exemplificados por *n* (nome), *v* (verbo), *a* (adjetivo), e núcleos funcionais por T (tempo), Asp (aspecto), etc (SCHER et al, 2013).

Tais traços são manipulados pelo Sistema Computacional e só recebem sua forma fonológica tardiamente, após a aplicação de operações morfológicas, tais como subespecificação, fusão, fissão, empobrecimento etc. Essa propriedade é conhecida como *Late Insertion*, ou seja, uma Inserção Tardia de material fonológico através de um *spell-out* morfológico. Este processo é guiado pelos Itens de Vocabulário (IV), que são regras que regulam a relação entre um material fonológico e um traço gramatical ou semântico e um contexto de inserção. Tais itens são armazenados na lista 2, localizada após o componente morfológico. Na lista 3, também conhecida como Enciclopédia, ocorre a ligação dos itens de vocabulário a seus significados ou a significados especiais, ou seja, está disponibilizado o conhecimento não-linguístico.

3.1 Proposta de análise das alomorfas prefixais da posse em Aweti

O primeiro passo para o tratamento dos dados do Aweti no modelo da MD consiste em definir os Itens de Vocabulário que realizam os traços morfossintáticos do paradigma de prefixos possessivos. Uma primeira hipótese para os itens de vocabulário a partir da observação dos dados dispostos na descrição detalhada da língua na seção 1, cujo Quadro 1 retomamos abaixo, é a seguinte:

⁶ Comumente traduzida como Estrutura sintática por toda a derivação (BASSANI, 2013:14), ou ainda Sintaxe morro-abaixo.

		1sg	2sg	1pi	1pe	2pl	3	3refl
Conso- ante	Fala H						nā-	o-
	Fala M	i-	e-	kaj-	azo-	eʔi-	i-	
Vogal	Fala H							
	Fala M	it-	e-/ ej- /a/				t-	

Quadro 1: Prefixos possessivos do Aweti (adaptado de Borella, 2000, p. 79)

(50) Itens de Vocabulário do paradigma de prefixos de posse do Aweti⁷

- a. /i/ ↔ [1, sg] / [_C]⁸
- b. /it/ ↔ [1, sg]/[_V]
- c. /e/ ↔ [2, sg]
- d. /ej/ ↔ [2, sg]/[_/a/]
- e. /kaj/ ↔ [1, pl.incl.]
- f. /azo/ ↔ [1, pl.excl.]
- g. /eʔi/ ↔ [2, pl]
- h. /nā/ ↔ [3, masc.] / [_C]
- i. /i/ ↔ [3, fem.] / [_C]
- j. /n/ ↔ [3, masc.]/[_V]
- k. /t/ ↔ [3, fem.]/[_V]
- l. /o/ ↔ [3, refl.]

Essa primeira lista é plenamente especificada e guia o pensamento analítico inicial. Nela, são listados todos os itens e seus contextos de realização, sempre que houver especificidade contextual. A partir dela, a análise pode ser refinada, como o faremos.

Os prefixos de primeira pessoa do singular são realizados como /i/, quando a base da palavra é iniciada por consoante, e /it/, quando a base é iniciada por vogal. Segundo Borella (2000, p. 52), o Aweti não aceita a sequência VC.CV, ou CCV quando a segunda consoante não é um glide, portanto, ocorre a elisão do segmento /t/.

Em teorias lexicalistas, uma explicação possível para a formação desses prefixos se daria através da assunção de dois itens diferentes do léxico, cada um com a sua informação fonológica e semântica. A fim de sugerir uma derivação mais econômica, num modelo como a MD, podemos sugerir que ocorre a derivação de

⁷ As abreviações utilizadas são: 1, 2 e 3 = primeira, segunda e terceira pessoa; sg = singular; pl = plural; incl. = inclusiva; excl. = exclusiva; masc. = masculino; fem. = feminino; C = consoante; V = vogal.

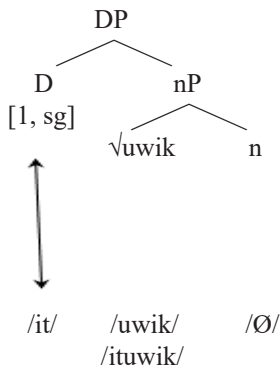
⁸ As representações /x/ ↔ [y]/[z] devem ser lidas da seguinte maneira: [y] se realiza como /x/ no contexto de [z].

somente um item abstrato vindo da Lista 1, desprovido de conteúdo fonológico e portando os traços morfossintáticos [1, sg]. Abaixo, uma representação para *ituwik* ('meu sangue'), na qual se vê os traços morfossintáticos de primeira pessoa do singular abrigados no núcleo funcional do prefixo.

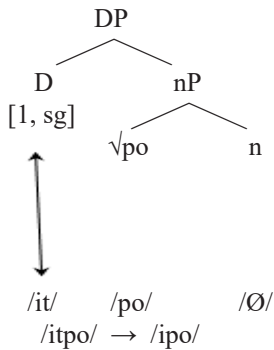
Após a derivação sintática, o material é enviado para a Lista 2, para que seja feita a inserção de material fonológico, a saber, /it/. No envio para PF, é feita a linearização dos núcleos derivados na sintaxe a fim de checar se as regras e restrições fonológicas da língua são atendidas pelos materiais.

Quando o prefixo é anexado a uma base que se inicia por uma consoante, é necessário que um ajuste fonológico seja realizado, já que a língua Aweti não aceita o padrão C.C (BORELLA, 2000, p. 34). Então, o apagamento do segmento /t/ é realizado com o objetivo de manter a harmonia do padrão silábico da língua, após a inserção de vocabulário nas regras de reajuste de PF. Quando o prefixo é anexado a uma base que é iniciada por uma vogal, tal ajuste não é necessário, já que o padrão fonológico da língua é respeitado. Tais processos são ilustrados nas duas figuras abaixo, com representações para *ituwik* ('meu sangue') e *ipo* ('minha mão'), nas quais se vê os traços morfossintáticos de primeira pessoa do singular abrigados no núcleo funcional do prefixo.

(51)



(52)



Representações de *ituwik* ('meu sangue') e *ipo* ('minha mão')

Desse modo, podemos reanalisar os itens de vocabulário em (50) a. e b. pelo único item abaixo:

a) /it/ ↔ [1, sg]

Os prefixos de segunda pessoa do singular são realizados como /e/ e /ej/. Nesse par vemos uma distribuição extremamente restrita: /ej/ só pode ser realizado quando o prefixo é anexado a uma base iniciada pela vogal /a/. Ainda, segundo Borella (p. 48), tal inserção só ocorre nesse prefixo, já que a sequência V.V é, em geral, aceita pela língua. É possível tratar de tal fenômeno pela MD por duas vias: a primeira é realizar uma análise de forma parecida com a dos prefixos /i/ e /it/, na qual apenas um item é gerado pela Lista 1 e é enviado à Lista 2 para sofrer ajustes fonológicos (neste caso, a inserção do glide /j/ em contexto *_a/*) ou assumir que, devido à extrema especificidade da distribuição deste prefixo, esta forma possa ser uma cristalização da língua, pelo que manteremos o item de vocabulário proposto e bastante especificado /ej/ ↔ [2, sg]/[_a/].

Nota-se também que o prefixo de 2. Pessoa do plural é realizado pela forma /eʔi/. Vemos nos 3 casos, a recorrência da forma /e/ associada a segunda pessoa, e ausente de qualquer outra parte do paradigma, pelo que propomos que a forma /e/ é a realização básica do traço [2] e que a forma /ʔi/ é a realização do traço [plural] sem especificação sobre in/exclusividade. Isso nos leva à reanálise das peças inicialmente sugeridas em (50) c., d. e g.:

a) /e/ ↔ [2]

b) /ej/ ↔ [2, pl]/ __ /a/

c) /ʔi/ ↔ [pl]

Seguindo adiante, os prefixos /n/, /nã/, /i/ e /t/ compõem o paradigma mais completo entre os prefixos de posse do Aweti. Essas quatro formas expressam o traço gramatical de 3ª. pessoa, mas as duas primeiras formas, /n/ e /nã/, são ambas usadas por falantes do gênero masculino. Ainda, há mais um condicionamento: /n/ é anexado a bases que começam por vogal, e /nã/ é anexado a bases que começam por consoantes; já as duas últimas são formas, /i/ e /t/, são usadas por falantes do gênero feminino. De modo paralelo, /i/ é anexado a bases iniciadas por som consonantal e /t/ é anexado a bases iniciadas por som vocálico.

Para as formas /n/ e /nã/ podemos assumir que ocorre o mesmo ajuste fonológico em PF, após a inserção de vocabulário, proposto acima. A forma básica é /nã/ e há apagamento da vogal nasal /ã/ para que se evite o encontro V.V. na mesma sílaba. Isso leva a proposição de um só item de vocabulário, sem informação contextual para o traço de 3. pessoa e feminino. Já para as formas /i/ e /t/, não é possível propor uma derivação fonológica de uma forma comum, dada a natureza formal extremamente diferente dos dois itens. Neste caso, resta-nos propor dois itens de vocabulário com informação contextual fonológica: /i/ realiza os traços de 3. Pessoa e masculino antes de vogal e /t/ realiza os traços de 3. Pessoa e masculino antes de consoante.

Outra importante questão analítica feita neste artigo se refere a presença de informação sobre o gênero do falante e onde essa estaria codificada. É interessante observar como a combinação das informações sobre o traço de 3. pessoa e sobre gênero do falante são realizados de formas fonológicas diferentes. Quando para a combinação [3p, fem] estão disponíveis os itens de vocabulário /i/ e /t/ e, diferentemente, para a combinação [3p, masc] está disponível o item /nã/ vemos que a informação que estamos chamando de semântica sobre o gênero do falante atua na escolha do conteúdo fonológico, ou seja, essa informação restringe as opções de inserção de vocabulário. Esse fato empírico deve ser analisado à luz do modelo proposto.

Foi visto que, num modelo como a MD, a formação dos prefixos possessivos parte de estruturas geradas pelo componente sintático através da combinação de primitivos fornecidos pela Lista 1. O próximo passo é o envio da estrutura sintática para PF e LF. Em PF, ocorrerá a Inserção de Vocabulário, processo já explorado anteriormente. No envio a LF, o prefixo será interpretado através da interface com a Lista 3.

Por um momento, pode-se pensar que o gênero do falante é um condicionamento semântico de natureza extralinguística, ou seja, uma informação que não provém da língua em si, mas do próprio conhecimento/condição de mundo do falante. No entanto, após a análise do sistema da língua, é possível ver que o gênero do falante é uma informação gramaticalmente relevante, ou seja, afeta a forma gramatical tanto na formação dos prefixos de posse quanto para outros paradigmas da língua, como por exemplo a formação dos pronomes pessoais livres (BORELLA, 2000, p. 90). Se a informação é gramaticalmente relevante, propomos que ela está gramaticalmente codificada nessa língua através de um traço de gênero especificado como [masc] ou [fem] que está especificado na realização dos pronomes de 3^a. pessoa.⁹

A partir das observações acima, propomos que a lista de itens de vocabulário inicialmente proposta seja revista para a que se vê imediatamente a seguir:

(53) Revisão dos Itens de Vocabulário do paradigma de prefixos de posse do Aweti:

- a) /it/ ↔ [1, sg]
- b) /e/ ↔ [2]
- c) /ej/ ↔ [2, pl] / ___ /a/
- d) /kaj/ ↔ [1, pl.incl.]
- e) /azo/ ↔ [1, pl.excl.]
- f) /?i/ ↔ [pl]
- g) /nã/ ↔ [3, masc.]
- h) /i/ ↔ [3, fem.]
- i) /t/ ↔ [3, fem.] / ___ /v/
- j) /o/ ↔ [3, refl.]

⁹ As representações /x/ ↔ [y]/[z] devem ser lidas da seguinte maneira: [y] se realiza como /x/ no contexto de [z].

Depois de propor essa análise para o processo de formação dos prefixos possessivos, pode-se dizer que o modelo teórico da Morfologia Distribuída tem as ferramentas necessárias para explicar satisfatoriamente as interações alomórficas encontradas na língua Aweti de modo mais econômico.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O objeto de investigação deste artigo foram os prefixos de posse do Aweti. Os dados foram coletados (através de levantamento bibliográfico) e organizados para uma posterior análise, o que permitiu lançar um olhar para outro dado também importante: os prefixos relacionais. O funcionamento dos prefixos de posse e suas relações com os prefixos relacionais e as bases às quais são anexados foram explorados através de diferentes aparatos teóricos para que seu entendimento fosse possível.

Depois de pesquisar diferentes perspectivas teóricas, a estrutura do DP possessivo também foi estudada, o que permitiu formalizar as relações hierárquicas presentes nas palavras prefixadas do Aweti. Ao definir as estruturas, foi possível entender melhor a semântica de tais relações, além de entender a sua natureza predicativa.

Além disso, foi feita uma proposta de análise sob o aparato teórico da Morfologia Distribuída. Nela, foi possível sugerir um processo de formação dos prefixos, levando em conta toda a pesquisa feita até ali. Pode-se dizer que, ao utilizar a MD, novas contribuições ao modelo foram feitas, já que ele ainda está em constante evolução. Os dados da língua, inclusive, mostraram-se desafiadores para a teoria no que diz respeito à semântica do fenômeno.

De um modo geral, o trabalho foi guiado por duas perguntas, sendo elas: 1) É possível explicar satisfatoriamente as interações alomórficas que ocorrem na língua Aweti com base no modelo da MD? 2) Como seria explicado o condicionamento semântico da alomorfa dos prefixos no modelo de gramática da MD? O gênero do falante seria caracterizado como um traço gramatical [+masculino] e [+feminino] proveniente do inventário de traços morfossintáticos disponibilizados pela Gramática Universal ou seria informação extralinguística, interpretada pela Enciclopédia, ou seja, conhecimento não-linguístico do falante? O condicionamento é realmente semântico ou é, na verdade, extralinguístico?

Pode-se dizer que as perguntas 1 e 2 foram respondidas na seção 3.2.2: Proposta de análise. Vimos que o modelo teórico da MD possui as ferramentas necessárias para explicar as alomorfias dos prefixos possessivos do Aweti, e que o gênero do falante seria informação gramatical, proveniente do inventário de traços disponibilizados pela Lista 1.

REFERÊNCIAS

- AGUIAR, A. G. G.; LIMA-SALLES, H. M. Prefixos relacionais R2 e R4 em construções genitivas e atributivas em línguas Tupí-Guaraní. Goiânia, Revista Signótica, p. 331-352, 2014.
- ALEXIADOU, A. Possessors and (in)definiteness. *Lingua*, vol. 115, p. 787-819, 2005.
- ALEXIADOU, A. Some notes on the structure of alienable and inalienable possessor. In: COENE, M.; HULST, Y (Eds). *From NP to DP: The expression of possession in noun phrases*, Editora John Benjamins, Amsterdã, 2003.
- ALEXIADOU, A. WILDER, C. Possessors, Predicates and Movement in the Determiner Phrase. Amsterdã, Editora John Benjamins, 1998.
- BASSANI, I. S. Uma abordagem localista para morfologia e estrutura argumental dos verbos complexos (parassintéticos) do português brasileiro. 2013. Tese (Doutorado em Letras) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2013.
- BORELLA, C. *Aspectos morfossintáticos da língua Aweti (Tupi)*. Dissertação (mestrado em Linguística) - Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2000.
- CABRAL, A. S. A. C. Prefixos relacionais no asuriní do Tocantins. Belém, Moara - Revista dos cursos de pós-graduação em Letras da UFPA, n. 8. p. 7-14. 1997.
- DEN DIKKEN, M. *Particles: On the Syntax of Verb Particle, Triadic, and Causative Constructions*. Oxford Studies in Comparative Syntax, New York, Oxford University Press. 1995.
- DEN DIKKEN, M. *Relators and linkers: the syntax of prediction, predicate inversion, and copulas*. Cambridge, MIT Press. 2006.
- ESPAÑOL-ECHEVARRIA, M. Inalienable possession in copulative contexts and the DP structure. *Lingua*, 101 (3-4), p. 211-244. 1997.
- HALLE, M.; MARANTZ, A. Distributed Morphology and the pieces of inflection. In: HALE, K.; KEYSER, J. *The View from Building 20*. Cambridge: MIT Press, 1993, p. 111-176.
- HARLEY, H. NOYER, R. Distributed Morphology. *Glott International*, volume 4. Leiden: State-of-the-article, p. 3-9, 1999.
- LARSON, R.; CHO, S. Temporal adjectives and the structure of possessive DPs. In: BIRD, S. CARNIE, A. HAUGEN, J. D. (orgs) *Proceedings of the Eighteenth West Coast Conference on Formal Linguistics*. Sommerville, Cascadilla Press, p. 299-311. 2000.
- MEIRA, S. Stative verbs vs. nouns in Sateré-Mawé and the Tupian Family. In: Rowicka, G.; Carlin, E. (eds.). *What's in a verb? Studies in the verbal morphology of the languages of the Americas*. Utrecht, the netherlands, Lot., p. 184-214. 2006.
- MEIRA, S.; DRUDE, S. Sobre a origem histórica dos “prefixos relacionais” das línguas tupi-Guarani. *Cadernos de Etnolingüística*, v. 5, n. 1, p. 1-31, 2013.
- MEIRA, S.; DRUDE, S. A summary reconstruction of Proto-MAweti-Guarani segmental Phonology. *Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi. Ciências Humanas*, v. 10, n. 2, p. 275-296, 2015.

- MINUSSI, R. D.; NÓBREGA, V. A interface sintaxe-pragmática na formação de palavras: avaliando os pontos de acesso da Enciclopédia na arquitetura da gramática. *Veredas (UFJF)*, v.18, n. 1, p. 161-184, 2014.
- MONSERRAT, R. M. F. Prefixos pessoais em Aweti. *Boletim do Museu Nacional Linguística III*, p. 15-28, 1976.
- RODRIGUES, A. D.; CABRAL, Ana S. A. C. (Org.). *Novos estudos sobre línguas indígenas*. 1. ed. Brasília, Editora Universidade de Brasília, 2005.
- RODRIGUES, A. D. Argumento e predicado em Tupinambá. *Boletim da Associação Brasileira de Linguística*. Maceió, v. 19, p. 6-18. 1996.
- SCHER, A.P.; BASSANI, I.S.; MINUSSI, R.D. Morfologia em Morfologia Distribuída. *Estudos Linguísticos e Literários (UFBA)*, n. 47, pp. 9-29, 2013.
- SEKI, L. Categorias lexicais e categorias sintático-funcionais em Kamaiurá (Tupi-Guarani). In: I Congresso de Línguas Indígenas da Sul-América. Lima, Peru, 1999.

Recebido: 6/03/2019
Aceito: 13/08/2019
Publicado: 6/01/2020